

1979: ANO DE CONSOLIDAÇÃO DAS NOSSAS
CONQUISTAS.

— MENSAGEM DE ANO NOVO DO PRESIDENTE SAMORA MOISÉS MACHEL

O Presidente da Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, proferiu ontem, através da Rádio Moçambique, a seguinte mensagem de Ano Novo:

Moçambicanos
Moçambicanas
Compatriotas
Caros amigos

Dentro de momentos terminará o ano de 1978.

Foi um ano assinalado no nosso País por grandes e decisivas vitórias do nosso Povo.

Neste dia de tradicional convívio com parentes e amigos, urge que meditemos, ainda que brevemente, sobre tudo aquilo que realizámos no ano que finda. E também que abramos as portas para o que nos propomos fazer no ano que começa.

A nossa tarefa política principal em 1978 foi a Estruturação do Partido.

No dia do seu encerramento, a 11 de Novembro, pudemos constatar com satisfação que tínhamos cumprido com êxito as tarefas desta fase do processo revolucionário e isso apesar dos boatos, das intrigas e manobras do inimigo.

No campo e na cidade, na fábrica e nas machambas, no quartel, nos serviços, no Hospital e na escola, uma vez mais o povo foi a força determinante das nossas conquistas.

Nesse processo o nosso povo atingiu níveis mais elevados de consciência política, ao realizar com rigor a selecção dos candidatos a membros do Partido, ao fazer do Partido o exército efectivo dos seus melhores filhos, os mais queridos, os mais firmes, os mais confiados.

Hoje orgulhamo-nos de ter Células do Partido implantadas nos locais prioritários da vida política, económica e social do País. Nas grandes fábricas e unidades agrícolas, nas cooperativas, nas Aldeias Comuns, nas Forças Populares de Libertação de Moçambique e outras Forças de Defesa e Segurança, no Aparelho de Estado, nos Hospitais, nas Escolas.

O dia de hoje é dia de festa da família. Para o Membro do Partido e para todos os moçambicanos, a família deve ser o ponto de partida para se chegar ao povo.

Aprendamos a amar o povo de uma forma real e concreta. Amar o povo começando pela família, pelos parentes próximos e ganhar assim consciência da grande família que constitui o povo moçambicano.

Dizemos, assim, que a família para nós é a refaguarda segura da nossa unidade, a base fundamental da nossa sociedade. É o terreno fértil onde devemos lançar para as novas gerações a semente fecunda da sociedade nova que estamos a construir.

Neste ano de 1978, a consciência política do nosso povo cresceu. A nossa unidade fortaleceu-se. As exigências do povo, tornaram-se também maiores. O seu nível de vigilância agudizou-se.

Para cada Célula, o ano que se inicia, traz como tarefa principal o conhecimento mútuo profundo de todos os seus membros com o objectivo de assim se elevar e consolidar a sua consciência de classe.

Gostariamos igualmente que em cada prédio, bairro, cidade, distrito, cada cidadão moçambicano fizesse um esforço para conhecer ou conhecer melhor quem vive a seu lado.

Só este conhecimento mútuo nos permite construir a unidade real.

Só os capitalistas se orgulham do seu individualismo, de viverem sós, de não necessitarem de conhecer o seu vizinho.

Na luta, aprendemos e cultivamos o amor, a amizade, o espírito colectivo e o calor humano.

Conhecemos e ajudamos em qualquer dificuldade os nossos vizinhos, amamos e apoiamos os que ao nosso lado vivem.

Foi assim que o Comité Central da FRELIMO deu uma vez mais o exemplo, no decorrer da sua IV Sessão.

A prática, em nós profundamente enraizada, de análise da vida dos membros reforça e alimenta a nossa unidade, unidade forjada na luta de classes, no comportamento do dia a dia. Defende a continuidade da nossa Revolução.

É esta conquista que caracteriza a natureza popular do nosso Partido, do nosso Estado, do nosso Governo, da nossa acção em todos os sectores.

O nosso povo soube assim, fazer da revisão da Constituição, um grande movimento popular de estudo e discussão do conteúdo da independência e dos objectivos do Estado Democrático e Popular que edificamos.

A Constituição chegou às fábricas, às aldeias comuns, às nossas casas, passou cada vez mais a ser instrumento da vontade popular.

A organização e aplicação da justiça, bastião da classe e da pretensa sabedoria burguesas, foi também conquistada pelo nosso povo. Do povo são agora as leis, do povo são já os Tribunais Populares.

A justiça passou para a sabedoria do povo, deixou de ser apanágio de uma minoria instruída nos seus segredos, para se tornar património de todo o cidadão.

O entusiasmo popular evidenciou-se também no campo da cultura. O Festival Nacional da Dança Popular e os momentos maravilhosos que nele vivemos, demonstram que a revolução combate a efémera tradição e reforça os aspectos mais profundos da nossa personalidade e cultura.

A ampla participação e engajamento populares, constituem uma rica escola de exercício da democracia popular.

A participação popular e a democracia exigem porém, que se desenvolvam ainda mais as condições para o seu exercício.

É essa A RAZÃO DE SER da campanha nacional de alfabetização que desencadeámos em 1978. Não pode construir o socialismo sem analfabetos. O combate para que cada moçambicano e moçambicana saibam ler, escrever e contar, é fundamental para o triunfo da revolução.

Compatriotas,

A fome, a nudez e o analfabetismo continuam a ser os nossos principais inimigos.

Como vencê-los!

Aumentando a produção, melhorando a nossa maneira de trabalhar, participando com o maior engajamento na exaltante tarefa de produzir e estudar.

Cabe às Assembleias do Povo, uma grande responsabilidade para a concretização desses propósitos.

No ano de 1979 devemos reforçar a organização das Assembleias do Povo a todos os níveis, aprofundar o seu permanente contacto com o povo, fazer as massas populares participarem intencionalmente nas diversas actividades.

As Assembleias devem preocupar-se com o funcionamento dos serviços do Estado, com os problemas económicos, nas fábricas, nas machambas, na organização do abastecimento.

Os deputados devem encontrar junto do povo as soluções para os problemas de habitação, do transporte, da conservação dos produtos.

Compete às Assembleias e aos deputados divulgar a criação das pequenas espécies de animais com vista a melhorar a alimentação das massas.

Controlamos cada vez mais sectores vitais da nossa economia como o carvão, o açúcar, o comércio interno e o externo, a pesca nas nossas costas. O sector estatal cresce e torna-se dominante.

É necessário que o ano que agora se inicia seja marcado por maiores acções com vista a tornar mais rentável o sector estatal, para que este sector, propriedade do povo, seja fonte de prosperidade para todos.

O aumento da produção e da produtividade impõem que cada um de nós assuma em cada momento o princípio de prestação de contas.

A prestação de contas revelou-nos este ano, que embora se tivessem registado na maioria dos sectores avanços significativos, muito houve em que se constataram ainda insuficiências de organização, planificação e controlo da produção.

Houve calamidades naturais que para isso contribuíram. Houve agressões do inimigo. Houve sabotagem.

As acções do inimigo, o desleixo, e falta de vigilância continuam no entanto a manifestar-se, lá onde ainda não conseguimos implantar duma maneira eficaz os grupos de vigilância.

Aliam-se a isso, o esbanjamento, desvios dos bens do Estado e a sua má utilização.

Medidas concretas serão em breve tomadas para punir severamente os crimes de sabotagem económica, de negligência e depreciação dos bens do povo.

A vigilância começa porém por cada um de nós.

A casa que temos, a viatura que conduzimos, o papel que utilizamos, não são da APIE ou do tal Ministério ou Serviço. Esses

são bens nossos, são bens do povo. Por isso é o povo quem deve cuidar e proteger os seus bens.

Caros Compatriotas,

Apesar das nossas dificuldades, das nossas insuficiências, da sabotagem interna e agressão externa, observámos o nosso crescimento, a recuperação da nossa economia.

Neste ano que termina, verificamos com orgulho, que o nosso povo assumiu que o aumento da produção e da produtividade em todos os sectores, é determinante para a nossa independência política, para a nossa capacidade de ter mais pão, mais roupa, mais calçado.

Verificamos que os trabalhadores do nosso país ganham maior consciência do seu poder de classe e avançam passo a passo, mas seguramente, na recuperação, direcção e controlo da economia.

É com orgulho que vemos surgir quadros de vanguarda, verdadeiros combatentes pela produção, pelo socialismo, no seio dos trabalhadores moçambicanos, dos operários, camponeses, quadros de direcção das empresas, trabalhadores do Aparelho do Estado, homens, mulheres e jovens.

No plano internacional a República Popular de Moçambique tem sabido ganhar o respeito e admiração das outras nações pois tem sabido assumir de uma forma coerente as suas obrigações.

O ano que termina reforçou o nosso prestígio e relações fraternais de amizade, cooperação e solidariedade com os países socialistas, nossos aliados naturais, nossa relaguarda segura.

Vimos neste ano o imperialismo e as forças de reacção perderem cada vez mais terreno a favor das forças do progresso.

No nosso Continente e em particular na África Austral, o imperialismo procurou recolonizar a África, retomar posições, sublevar a Revolução.

As intervenções militares descaradas das potências imperialistas e seus agentes, a criação e manutenção de focos de tensão, as acções directas de agressão, a multiplicação de manobras, iniciais, planos, conferências, tiveram em vista salvar regimes corruptos e neocolonializados, desviar a África progressista do apoio à libertação dos povos, desestabilizar os países da «Linha da Frente», ganhar tempo, dividir o movimento de libertação.

São estas manobras e a conivência das potências ocidentais que permitem aos regimes racistas e retrógrados da África do Sul e da Rodésia continuar a desafiar a comunidade internacional e a lançar-se em trágicas aventuras contra os povos e os países vizinhos.

Os golpes profundos da Frente Patriótica e a iminência da derrota tornam o regime do Smith cada vez mais monstruoso e assassino. Ele deixa cair agora a máscara.

Smith já não se contenta com os campos de refugiados indefesos do Zimbabwe.

Procura agora alvos económicos, civis e militares no nosso país. Espera intimidar-nos.

O imperialismo através do seu agente Ian Smith, ataca-nos sobretudo porque somos uma República Popular.

Os imperialistas, isolados como vivem do povo, não podem compreender a nossa coragem e determinação. Não podem compreender porque é que fazemos nossa a luta do povo do Zimbabwe e de todos os povos oprimidos do Mundo.

A amizade e solidariedade do nosso povo para com o povo irmão do Zimbabwe, desde há muito foi selada com sangue.

Para garantia da paz e da reconstrução nacional, reforçamos já em muito a nossa capacidade defensiva e temos infligido punições severas ao inimigo que viola as nossas fronteiras.

Continuaremos a reforçar com os meios mais modernos, esta capacidade, com apoio dos países socialistas.

Que todos os moçambicanos saibam continuar firmes, vigilantes e engajados na defesa da Pátria e da Revolução para esmagar todas as tentativas dos racistas de criar o caos e intimidar o nosso povo.

Compatriotas,

O ano de 1978 foi um ano de crescimento e de estruturação. Podemos cantar os avanços.

Desses avanços devemos partir agora, para maiores avanços neste ano que se inicia.

As dificuldades, as insuficiências, as sabotagens, as agressões, fazem parte do plano das forças inimigas dos Povos, para impedir o avanço da Revolução. Isso acontece em todas as Revoluções.

A sociedade sem exploração só se constrói com luta e sacrifício.

A entrada do novo ano, o nosso pensamento vai em primeiro lugar para os trabalhadores e as populações que nas zonas de fronteira resistem firmes às provocações do inimigo.

Yai para as nossas gloriosas Forças Populares de Libertação de Moçambique e outras forças de Defesa e Segurança empenhadas na defesa intransigente da nossa soberania e integridade territoriais.

Saudamos todos os cooperantes que se encontram no nosso país, em missão de solidariedade para com o nosso povo, muitos deles longe do calor dos seus familiares.

Saudamos em particular, as crianças da nossa Pátria, os continuadores da Revolução, os futuros construtores do Socialismo, que neste ano de 1979 irão viver o Ano Internacional da Criança.

Engajemo-nos nas actividades do Ano Internacional da Criança com a consciência de que a melhoria da vida dos nossos filhos, a sua educação e alimentação correctas, a boa formação da sua personalidade são ao mesmo tempo um objectivo e uma garantia da nossa Revolução.

Queremos desejar aos trabalhadores, que se encontram agora nos seus locais de trabalho, a todas as famílias, nas suas casas, na alegria de festejar este momento, a todos moçambicanos e moçambicanas, os maiores sucessos e êxitos na Reconstrução Nacional.

Que o ano de 1979, seja para todos nós em Moçambique, na África e no Mundo um ano de passos decisivos para a paz, um ano de felicidade.

Que o ano de 1979 seja para todos nós, um ano de consolidação das nossas conquistas, um ano de consolidação das nossas vitórias.

A LUTA CONTINUA!

(De: "Notícias" Maputo, 1979-01-01)